

MEDALHA INÉDITA DA RAINHA D. MARIA II

POR PEDRO BATALHA REIS

Assinada pelo antigo gravador de moedas e medalhas da Casa da Moeda de Lisboa, Francisco de Borja Freire (1791-1869) damos hoje conhecimento duma medalha inédita, que presumivelmente não passou do ensaio que temos em mãos, e aqui vai reproduzido por fotografia directa.

Este exemplar, duma elegância e simplicidade que contrasta com o pouco que existe da medalhística portuguesa no segundo quartel do século XIX, a que ela deverá pertencer, denuncia na sua concepção e factura uma influência estrangeira, onde o gosto artístico era então (como infelizmente ainda hoje!) bem mais desenvolvido do que entre nós.

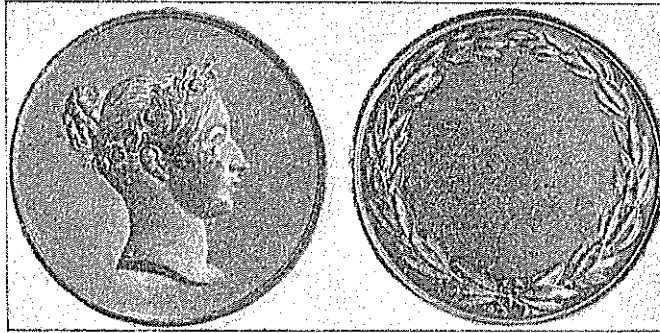
A medalha apresenta-nos a figura da Rainha, muito nova, voltada à direita, com o cabelo singelamente levantado numa trança enrolada, e românticamente coroada de rosas. Não tem legenda alguma, e apenas no rebordo do busto se lê a assinatura do gravador: FREIRE.

A inspiração directa, dessa medalha, ou melhor do busto da Rainha que ela representa, cremos com bom fundamento encontrá-la no delineamento das novas moedas do tempo, aquelas cujos cunhos haviam sido confiados ao notável gravador inglês William Wyon, ou seja da moeda principal, de ouro e prata, do sistema métrico decimal, que então (1835) fora definitivamente adoptado em Portugal para os novos valores da moeda corrente.

Com efeito, se a expressão é diferente a concepção é a mesma; e, até o facto dos bustos se encontrarem em sentido contrário, mais denuncia que o busto da medalha teria tido por modelo as referidas moedas: pois sendo inicialmente desenhado e gravado para a esquerda, como se

via nas moedas, resultava que o busto aparecia depois para a direita, como se verifica na medalha.

O reverso tendo apenas uma coroa de louros que envolve o campo totalmente liso, leva-nos a supor, com fundamento racional na sua disposição, que essa coroa deveria envolver uma inscrição honorífica, quer em louvor da própria Rainha — como se nos afigura mais exequível pelos motivos adiante ponderados — quer em benefício de outrem a quem essa honra seria conferida pela Rainha D. Maria II.



O módulo desse ensaio de medalha é de 40 mm. e feita em liga de estanho. É o único exemplar conhecido.

Procurando determinar-lhe o significado e a data, ou melhor a época em que ela deve ter sido aberta, julgamos que não andaremos longe da verdade se a considerarmos de 1837, ano em que o seu autor regressara de Inglaterra, depois de ali ter estado por espaço de seis meses aperfeiçoando-se no desenho e na arte de abridor, por mandado da Rainha D. Maria II.

Daí, o tomarmos esse ensaio senão feito ainda em Londres sob a direcção de Taylor, de quem Borja Freire recebeu lições de aperfeiçoamento, pelo menos elaborado logo após a sua chegada, e como homenagem à Soberana que três anos antes já o confirmara no lugar de segundo abridor, para que tinha sido nomeado em 1830, e agora o tinha enviado ao estrangeiro para se aperfeiçoar na sua arte.

Dada a escassez da Medalhística portuguesa do segundo quartel do século passado, constituem todos os documentos que a enriqueçam subsídios valiosos, por isso que a medalha hoje publicada encerra um

duplo benefício: ser a revelação dum exemplar inédito, e a valorização do património artístico nacional, por representar o retorno a Portugal duma peça que entre nós não existia e se encontrava no estrangeiro.

Post Scriptum:— Já depois de haver escrito estas magras linhas chamou-nos a atenção um bom amigo, cujo nome, a seu pedido, mas contra a nossa vontade, ocultamos, para o facto dessa medalha vir indicada no Catálogo de J. Schulman, da Colecção de Cyro Augusto de Carvalho, Amsterdam, 1905, sob o n.º 1508. Justo reparo que muito agradecemos. Todavia, como aquela menção não passa do corpo redaccional do Catálogo, não havendo dela qualquer reprodução, o seu ineditismo mantém-se, não quanto à nomeação dela, mas quanto à sua figuração. Há uma ligeira discrepância de módulo com a diferença de 2 mm. (pois Schulman diz 42 mm. e nós 40 mm.) o que no entanto não afecta a nossa convicção de ser a mesma, antes julgamos ter havido erro nosso ou alheio.